

Inovação: mutações comportamentais

Innovation: behavioral mutations

Mary Aurora da Costa Marcon¹

Resumo

A proposta deste artigo é discutir questões que abordam a inovação em uma perspectiva ideológica, diante do contexto da cultura digital, com a reflexão a partir da extensão e incorporação dos dispositivos digitais do homem, em seu aspecto biossocial. O percurso metodológico será pautado diante de uma revisão bibliográfica e uma abordagem fenomenológica. Nesse sentido, o escrito pretende apontar fenômenos que representam parcialmente as mudanças comportamentais.

Palavras-chave: inovação, cultura digital, biossocial, mudanças comportamentais.

Abstract

The proposal of this article is to discuss issues that approach innovation in an ideological perspective, in the context of the digital culture, with the reflection from the extension and incorporation of the digital devices of the man, in its biossocial aspect. The methodological course will be based on a bibliographical review and a phenomenological approach. In this sense, the paper intends to point out phenomena that partially represent the compartmental changes.

Keywords: innovation, digital culture, biosocial, behavioral changes.

Caminhando nas nuvens

A presente pesquisa trata da revisão bibliográfica em busca da compreensão dos fenômenos da extensão e incorporação dos dispositivos digitais pelo homem, em especial, dos aspectos biossociais que representam parcialmente as mudanças comportamentais dos sujeitos diante do contexto da cultura digital.

A interação entre os fatores biológicos e sociais mediados pelas tecnologias digitais proporcionam aos pesquisadores inúmeros questionamentos com relação às condições humanas frente aos aparatos tecnológicos. O quadro imaginativo a que se depara esse estudo contempla o sonho onírico das nuvens informacionais, envolvendo e plugando os jovens, promovendo um cenário em que não há como se distinguir onde começa e termina o humano e a tecnologia.

Diante da (hiper)conexão e (hiper)exposição pode-se inquirir: os dispositivos digitais fazem parte das vestimentas desses sujeitos como extensão, ou como incorporação da inteligência

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica - Goiás (2015). Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Estadual de Goiás (2003-2004). Graduação em Processamento de Dados pela Universidade Metodista de Piracicaba (1983) e Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (2003). Assessora de Educação e Tecnologia na Secretaria Municipal de Educação de Anápolis - GO. marymarcon60@gmail.com.

humana? E ainda, como as instituições, dentre elas, as educacionais, estão se (re)organizando diante desse fenômeno?

Com essas indagações em mente, esse estudo se revela, na tentativa de apresentar um breve percurso de autores como Haraway (1984), Tadeu (2009), Rocha (2018), entre outros, que se debruçam a analisar mais do que o contexto, mas o imbricado processo de apropriação das tecnologias, aqui denominado como humano, por compreender que os aparatos tecnológicos são incorporados e (re)constituídos nas relações sociais e culturais, bem como no desenvolvimento histórico do conjunto dos homens e de suas instituições.

(In)corporados e (Re)vestidos

Nos idos da década de 1980, Haraway (1984) se colocava ironicamente diante da ciência, das tradições seculares e das políticas norte-americanas de opressão da condição feminina, por meio da inquietante condição do “Manifesto Ciborg”. Ora, como que parafraseando Marx e Engels (2008) quanto ao “Manifesto do Partido Comunista”, a autora anuncia, logo de início, a que veio “Las páginas que siguen son un esfuerzo blasfematorio destinado a construir un irónico mito político fiel al feminismo, al socialismo y al materialismo” – na tradução de Tadeu (2009, p. 35): “Este ensaio é um esforço para construir um mito político, pleno de ironia, que seja fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo”.

As inquietações de Haraway (1984, p.) partem do princípio da imagem de que “Un ciborg es un organismo cibernético, un híbrido de máquina y organismo, una criatura de realidad social y también de ficción” – “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (TADEU, 2009, p. 36).

Partindo da imagem ficcional de um organismo cibernético que simultaneamente é um misto de animal e máquina, esse trabalho encontra, nos ecos de Haraway (1984), a ressonância necessária para o exercício imaginativo e dialético da realidade social e física que nos apresenta o contexto envolto de tecnologias da cultura contemporânea.

Se o manifesto de Haraway (1984) trata de um movimento que busca evidenciar as questões cruciais de gênero, da tecnologia e das ciências, anuncia também que a fronteira entre o animal e a máquina proporciona brechas, um delas é a que se pretende tratar nesse ensaio. A inquietação não pretende ser um tratado determinista com relação aos aparatos tecnológicos, mas crítico no sentido de reconhecer as especificidades culturais e humanas que se apresentam, sem deixar de problematizar a submissão objetiva quanto à ideologia totalizante, relacionada à premente necessidade de inovação tecnológica do mundo moderno.

Como prenuncia Tadeu (2009, p. 10) ao analisar a condição ciborgue do manifesto feminista: “qual é mesmo a natureza daquilo que anima o que é animado? É no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnonaturais que a ‘humanidade’ de nossa subjetividade se vê colocada em questão”. Pode-se inferir também que, é na contradição entre subjetividade e objetividade que confrontamos a ordem de ubiquidade da relação entre a máquina e o homem. Ainda, de acordo com o autor,

Não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer dos lados da linha de “divisão”: a ciência, a tecnologia, a natureza puras; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural. Total e inevitável embaraço. Uma situação embaraçosa? Mas, cheia de

promessas, também: é que o negócio todo é, todo ele, fundamentalmente ambíguo (TADEU, 2009, p. 11, grifos do autor).

Para ele, as intervenções tecnológicas ciborgueanas retratam a ambiguidade entre a fronteira e a máquina: os seres portadores de órgãos artificiais ou geneticamente modificados, artificialmente induzidos ou máquinas quase humanas: “Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial. Bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humano-elétricos” (TADEU, 2009, pp. 12-13).

Nesse sentido, Tadeu (2009) questiona a ontologia humana legada pelo cogito cartesiano, onde a existência do sujeito é idêntica ao seu pensamento; bem como as filosofias que nos fazem refletir o homem como seres pensantes, racionais e reflexivos, ideais das teorias sociais e políticas, fundamento moderno e liberal de democracia, que ainda “está no centro da própria ideia moderna de educação” (TADEU, 2009, p.13).

Como preconiza Haraway (1984), a libertação depende da consciência da opressão e da apreensão da realidade vivida. Tentar compreender a onipresença dos jovens conectados na rede é buscar discutir a forma como esses jovens se relacionam no mundo natural e na cultura digital (ROCHA; SILVA, 2015). Trata ainda de navegar na precisa rede de **links** e nós da teia digital e no contraditório percurso da inovação.

Navegar é preciso, inovar não é preciso

Em uma breve incursão na gênese da frase “Navigare necesse, vivere non est necesse” dita ainda no século I a.C. pelo general romano Pompeu para encorajar receosos marinheiros a desbravarem o oceano. A expressão encontra a sua ressonância no poeta italiano Petrarca, no século XIV, ao transformá-la em “Navegar é preciso, viver não é preciso”. O poeta Fernando Pessoa a toma para si escrevendo “Quero para mim o espírito dessa frase”, apreendendo o seu sentido de vida à criação (SOUSA, 2019; UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2019). No século vinte, exatamente no ano de 1969, na coletânea Os Argonautas, Caetano Veloso (1969), em forma de fado brasileiro, interroga Navegar é preciso?

O Barco!
Meu coração não aguenta
Tanta tormenta, alegria
Meu coração não contenta
O dia, o marco, meu coração
O porto, não!...

Navegar é preciso
Viver não é preciso...

O Barco!

Noite no teu, tão bonito
Sorriso solto perdido
Horizonte, madrugada
O riso, o arco da madrugada
O porto, nada!...

Navegar é preciso
Viver não é preciso

O Barco!
O automóvel brilhante
O trilho solto, o barulho
Do meu dente em tua veia
O sangue, o charco, barulho lento
O porto, silêncio!...

Navegar é preciso
Viver não é preciso...

Se navegar é uma viagem exata que antes fazia-se com bússolas e astrolábios e hoje faz-se com satélites, GPS' e www's, viver não é e nunca foi preciso, essa é uma viagem feita de opções, medos, inseguranças e muita persistência (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2019).

Se a poética encontra tantas vozes, em Petrarca, Fernando Pessoa, Caetano Veloso, aqui o sentido da frase "Navegar é preciso, inovar não é preciso" é questionar a resistência à inovação tecnológica no campo educacional, em especial, ante a navegação dos jovens conectados em nuvens informacionais, não perdendo nunca o olhar crítico no horizonte da opressão massificante do capital quanto ao binômio tecnologia e inovação.

Diante das pressões do desenvolvimento do capitalismo moderno, a racionalidade trata da conveniente ideologia da inovação tecnológica nas diversas áreas do conhecimento, nas instituições, no mercado, nos serviços. A cultura ao novo encontra no Estado o condutor da ideia mercadológica e a necessidade premente de inovações tecnológicas, prática essa, resultado das tendências objetivas e da reestruturação do capital. Ao Estado cabe o papel de organizar o financiamento para a renovação e competição na esteira da produção de lucro. (MÉSZÁROS, 2011).

A cultura ao novo, da inovação incessante está ancorada no discurso sobre o saber e o controle no capitalismo do conhecimento e centrado nas categorias da criatividade e da inovação no processo organizacional contemporâneo. Esse discurso adentra a academia e promove a busca incessante de pesquisas e financiamentos nessa área (FONTENELLE, 2012). O setor educacional,

apesar da resistência, não está alijado desse processo. As pesquisas do tipo estado da arte demonstram essa lógica nas discussões sobre o uso das tecnologias na formação de professores.

O debate sobre as tecnologias na formação de professores tem encontrado um terreno fértil em grupos de pesquisa, trabalhos *Stricto Sensu*, como levantamentos bibliográficos, estados da arte ou de conhecimento, que denotam a primazia das visões instrumentais e deterministas no tratamento da relação entre tecnologia e educação. Tais visões tendem a suplantar o debate crítico quanto ao uso das tecnologias na educação, tanto nas políticas educacionais, como ao pertencimento em grupos de trabalhos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), artigos de periódicos científicos e do mesmo modo na apropriação das leituras de autores que tratam o tema dos aparatos tecnológicos na contemporaneidade. (ARAÚJO, 2008; MARCON, 2015; MORAES, 2016; MALAQUIAS, 2018).

A compreensão crítica da relação entre tecnologias e educação não visa estancar o uso dos aparatos tecnológicos no campo educacional, mas apreendê-los como produtos da ação humana, influenciando e sendo influenciados nas relações sociais.

Pois, muito mais do que simples ferramenta, a tecnologia está impregnada de valores e significados. Desta forma, entender a tecnologia no mundo contemporâneo somente pelo seu aspecto técnico, conduz a um reducionismo que impede de perceber a forma como tem sido apropriada pelos interesses hegemônicos no mundo contemporâneo (MARCON, 2015, p. 82).

Interessa perceber que as tecnologias, aqui denominadas de humanas, podem ser usadas convenientemente no sentido de apropriação do capital, mas precisam ser reconhecidas no contexto cultural dos alunos, nas relações inter e intrapessoais desses sujeitos (VYGOTSKY, 2002) e por conseguinte, é notória a necessidade de desmitificação quanto ao uso desses aparatos nas instituições educacionais.

Nada tão humano quanto a tecnologia. Como produto da inteligência humana, a tecnologia, seus aparatos e dispositivos são eminentemente humanos, resultado de uma colaboração sincrônica e diacrônica, em um exercício humano que rasga o tempo e costura a cultura contemporânea, em um bordado complexo. Nesse sentido, forjar uma oposição entre o humano e a tecnologia é inconcebível ou, no mínimo, indefensável (ROCHA, 2018, p. 48)

Os vínculos corporais e mentais entre a tecnologia e o humano não são opostos, mas de aderência, tanto em órteses e próteses físicas, bem como em pensamentos e construção do imaginário. Desse modo, ontologicamente, a tecnologia é parte do humano contemporâneo e não pode existir fora dele. A condição da tecnologia como elemento do humano pode ser traduzido por cultura, como parte da condição natural humana e não são nas bordas que se encontram, mas no centro dos seres biossociológicos. Se essa é a realidade dos sujeitos e suas relações culturais, há como (re)existir?

(Re)Existir

A expressão (Re)Existir advém das sensações e reflexões da mostra (Re)Existência exposta no espaço Media Lab da Universidade Federal de Goiás – UFG, por meio das obras do artista Hal Wildson, da série “Poesias táteis”, que falam de amor, afeto, solidão e as diferenças da existência humana. A mostra se concretiza no espetáculo, com direção da professora Marlini Dorneles da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD/UFG), encenado por pessoas com deficiência, utilizando recursos de acessibilidade, interpretação em Libras, audiodescrição e material educativo em braille com imagens em alto relevo (STECCA, 2018).

A exposição trata de um manifesto à (re)existência humana diante das barbáries totalitárias ocorridas a partir do genocídio da população judia e das minorias pelos nazistas no Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial. A exposição (Re)Existência traz uma reflexão ideológica indispensável ante aos acontecimentos e compartilhamentos contemporâneos na rede mundial. A transposição do tema da mostra para esse trabalho busca criar uma analogia quanto à resistência no setor educacional frente a existência da mutação comportamental dos jovens (in)corporados e (re)vestidos pelos aparatos tecnológicos.

À guisa da (in)concretude do tema quanto à re(existência) educacional das mutações comportamentais no contexto cultural dos jovens (hiper)conectados, há de se questionar qual é mesmo o papel histórico dessas instituições. Bem, de acordo com alguns autores é transmitir às novas gerações o conjunto do conhecimento das ciências e da cultura histórico e socialmente construído (SAVIANI, 2013).

Se o conhecimento está digitalmente disponível na rede mundial e se atualmente os jovens estão (in)corporados e (re)vestidos por tecnologias humanas, por que não (re)significar o uso dos aparatos tecnológicos nas instituições educacionais?

Pode-se adentrar às tecnologias humanas nas escolas, não se esquecendo de inquirir esses jovens sobre as condições político-ideológicas totalizantes do capital tecnocientífico, pois reconhecer as situações de desigualdade, de opressão e de alienação tornam os sujeitos mais conscientes e críticos quanto ao contexto cultural em que estão inseridos.

Há de reexistir, agora sem parênteses, diante da resistência em reorganizar o ensino, o currículo, as políticas educacionais, junto com esses jovens e em especial, há de se reencontrar novos caminhos, pois aprender e apreender ocorrem nos espaços sociais e cognitivos.

Referências

ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos. **Discursos pedagógicos sobre os usos do computador na educação escolar (1997-2007)**. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

FONTENELLE, Isleide Arruda. Para uma crítica ao discurso da inovação: saber e controle no capitalismo do conhecimento. **RAE. Revista de Administração de Empresas**. Vol. 52, N. 1. 2012. Disponível em: <http://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-52-num-1-ano-2012-nid-46824/> . Acesso em: 30 Abr. 2019.

HARAWAY, Donna. **Manifiesto Ciborg**: El sueño irónico de un lenguaje común para las mujeres en el circuito integrado. 1984. Disponível em: https://xenero.webs.uvigo.es/profesorado/beatriz_suarez/ciborg.pdf Acesso: 05 Mar. 2019.

MALAQUIAS, Arianny Grasielly Baião. **Tecnologias e formação de professores de matemática: uma temática em questão.** Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

MARCON, Mary Aurora da Costa. **As relações entre tecnologias e educação em produções acadêmicas sobre formação de professores no Prolinfo.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, 2015.

MÉSZÁROS, István, **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição;** 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2011. Disponível em: <https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/para-alem-do-capital.pdf?1350933922> Acesso em: 10 Mar. 2019.

MORAES, Moema Gomes. **Pesquisas sobre educação e tecnologias:** questões emergentes e configuração de uma temática. Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2016.

ROCHA, Cleomar; SILVA, Margarida do Amaral. **Experiência social e ressonância cibernética: juventude e a onipresença na rede.** In: ROCHA, Cleomar; SANTAELLA, Lúcia. A onipresença dos jovens nas redes. Goiânia, GO: FUNAPE: MEDIA LAB / CIAR UFG / GRÁFICA UFG, 2015. 264P.

ROCHA, Cleomar. **A tecnologia e as bordas do humano.** Goiânia: Gráfica UFG, 2018. Ebook (Coleção Invenções); 72 p. Disponível em: <https://producao.ciar.ufg.br/ebooks/invencoes/livros/8/capa.html> Acesso em: 20 Mar. 2019.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Navegar é preciso, viver não é preciso.** Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/navegar-preciso-viver-nao-preciso.htm>. Acesso em 13 de abril de 2019.

STECCA, Kharen. **Exposição (Re)Existência retrata a dança inclusiva.** 11/10/18. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://www.ufg.br/n/110811-exposicao-re-existencia-retrata-a-danca-inclusiva>. Acesso em: 05/04/2019.

TADEU, Tomaz. **Nós, ciborgues:** O corpo elétrico e a dissolução do humano. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/128240/ANTROPOLOGIA+DO+CIBORGUE.pdf>. Acesso: 05 Mar. 2019.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. **Navegar é preciso, viver não é preciso.** Disponível em: <http://www.uc.pt/navegar/>. Acesso em: 14 Abr. 2019.

VELOSO, Caetano. **Navegar é preciso.** Coletânea Os Argonautas. 1969. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44761>. Acesso em 13 Mar. 2019.

YIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.